GÊNERO NA ESCOLA: QUEBRANDO A BARREIRA DA HOMOGENIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS

Ravelli Henrique de Souza
Karina de Toledo Araújo

RESUMO

Após aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE) em 2014, o Ministério da Educação (MEC) juntamente com o Conselho Nacional de Educação (CNE) solicitou que as escolas dos municípios e estados brasileiros elaborassem seus planos de educação nos quais a palavra gênero deveria ser retirada. A defesa da retirada do termo gênero na escola foi justificada a partir ideia de que, com a exclusão da palavra seria promovida a superação das desigualdades educacionais para promover a igualdade de gênero, raça, etnia e de orientação sexual, ou seja, retirar o conceito 'gênero' do contexto escolar provoca uma homogeneização das diferenças. Tal homogeneização exclui todas as pessoas que não se identificam com o binarismo de gênero e priva o ensino sobre educação sexual na escola. Nosso objetivo nesse presente artigo é defender um paradigma de multiplicidade de gêneros e abrir espaço para a diversidade sexual no âmbito escolar

Palavras Chaves: Educação. Gênero. Sexualidade. Teoria Queer. Diversidade.

INTRODUÇÃO

É difícil conceituar ou significar o termo gênero devido ao trânsito teórico, político, cultural e social em que ele se trafega. Esse deslocamento gera uma certa complexidade em sua definição até mesmo para estudiosos que se propõe a discutir gênero.

Segundo Joan Scott (1995), gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder estabelecidas em grupos e culturas. Para ela seria melhor dizer que gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O conhecimento, o entendimento e as discussões são formas de decodificar o significado de gênero e compreender as

complexas conexões entre várias formas de interação humana (SCOTT, J. 1995). Gênero difere-se de sexo que, por sua vez, também é diferente do termo sexualidade.

> Podemos destacar três aspectos que compões a identidade sexual: o sexo biológico, a identidade de gênero e a orientação ou desejo sexual. O sexo biológico é determinado no nascimento e se refere às características genotípicas e fenotípicas do corpo. Pode-se nascer homem ou mulher e, excepcionalmente, hermafrodita[1], sendo o hermafroditismo uma anomalia genética rara em que ambos os órgãos genitais, masculino e feminino, estão presentes. A identidade de gênero é o senso de ser homem ou mulher, que se estabelece geralmente a partir dos três anos de idade do imaginário cultural partilhado pelos sujeitos. A orientação sexual é que determina por quem o indivíduo se sente atraído para manter relações sexuais, podendo ser alguém do sexo oposto, do mesmo sexo ou ambos (TAQUETTE, 2015, p. 52).

De acordo com Paulo Freire (1980), a cultura refere-se a um conceito antropológico, assim dividindo-a em dois mundos, sendo o primeiro o da natureza e o segundo o da cultura, o homem possui um papel totalmente ativo em sua realidade, a cultura é resultado desta ação consciente e ativa do homem sobre essa realidade.

O conceito antropológico de cultura possui função de auxiliar o indivíduo a superar a sua compreensão ingênua de realidade e desenvolver um entendimento crítico em sua sociedade. Nesta perspectiva de superação, o homem constrói um segundo mundo, o da cultura, pois o mesmo cria e recria, integrando condições de seu contexto, respondendo desafios, objetivando e transcendendo. Os processos formativos de identidade são compostos pelas relações sociais e culturais, vivenciadas em diferentes grupos, entre os quais:

---

[1] Vale destacarmos que atualmente o termo que é utilizado é INTERSEXO e não mais hermafrodita. "Intersex" é um termo geral usado para uma variedade de condições em que uma pessoa nasce com uma anatomia reprodutiva ou sexual que não parece caber as definições típicas de fêmea ou de macho. Por exemplo, uma pessoa pode ter nascido parecendo ser do sexo feminino do lado de fora, mas tendo principalmente anatomia masculina típica no interior. Ou uma pessoa pode nascer com órgãos genitais que parecem estar entre os tipos habituais do sexo masculino e feminino - por exemplo, uma menina pode nascer com um clitóris notoriamente grande, ou sem uma abertura vaginal, ou um menino pode nascer com um Principalmente o pénis pequeno, ou com um escroto que é dividido de forma que se formou mais como lábios. Ou uma pessoa pode nascer com genética do mosaico, de modo que algumas de suas células têm cromossomos XX e algumas têm XY (ESQUERDA.NET. LGBTI: O que é Intersexo? *Artigo da autoria da Sociedade Intersexual Norte Americana, 2015.* Disponível em: http://www.isna.org/faq/what_is_intersex e http://www.esquerda.net/artigo/lgbti-o-que-e-intersexo/37566. Acesso em: 03 abr. 2017).

são elas: família, escola, religião, círculo de amigos, relações sociais no trabalho, etc.

Quando se comparada as questões biológicas às questões culturais, sociais e psicológicas, elas são necessariamente condizentes umas com as outras. O sexo é biológico e gênero e sexualidade são culturalmente construídos. Quando o sexo biológico naturaliza a identidade de gênero e a sexualidade estas últimas passam a ser convencionais ou arbitrárias. Entretanto, gênero e sexualidade não são redutíveis e não derivam diretamente de fatos naturais, biológicos, pois variam de uma linguagem a outra, de uma cultura a outra, na maneira em que ordenam experiência e ação (AGUIAR e PISCITELLI *apud* SHAPIRO, 1997). Por esta razão, no contexto escolar devemos apresentar os conceitos de gênero, sexo e sexualidade separadamente e relacionalmente.

Na direção de contribuir com o ensino de gênero e educação sexual na escola, este artigo tem como objetivo defender um paradigma de multiplicidade de gêneros e abrir espaço para a consideração da diversidade sexual nos espaços de ensino e de aprendizagem formais. Acreditamos que é necessário passar por problematizações e esclarecimentos tomando como fundamento, não só, mas principalmente a Teoria Queer visando desconstruir a homogeneização de gênero para dar espaço as diferenças.

Este artigo tem caráter bibliográfico, sendo organizado em três capítulos: o primeiro capítulo aborda a desconstrução de gênero na identidade Queer, o segundo apresenta a educação sexual na escola, e por fim, o terceiro capítulo questiona como a escola lida com processos formativos da subjetividade identitária.

TEORIA QUEER E A INSERÇÃO DE GÊNEROS NÃO BINÁRIOS

Para Scott (1995) gênero é uma categoria de análise sociológica e histórica que permite compreender as relações sociais que estabelecem saberes para a diferença sexual, isto é, saberes que dão significados às diferenças corporais e que implicam numa organização social a partir delas. Estes saberes não são absolutos, mas sim relativos para cada cultura.

A sexualidade, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1975) é parte integral da personalidade de cada um, uma necessidade base e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Logo ao falar de gênero devemos falar também sobre sexualidade.

Dentre as diversas áreas de conhecimento e teorias que se debruçam sobre as reflexões relacionadas a gênero, sexo e sexualidade destacamos neste trabalho a Teoria *Queer*. Tal teoria causa bastante polêmica, pois supostamente, agrega "todos" os gêneros não binários dentro de uma 'coisa só'.

A Teoria *Queer* não se limita apenas à sexualidade, ela também problematiza questões relacionadas às multiplicidades de identidades. Para Berutti apud Goldman (2010, p. 29), *Queer* representa qualquer número de identidades antinormativas. Portando, as representações múltiplas dessa teoria tendem a apagar o próprio multipluralismo imposto, pois, ao mesmo tempo em que agrega "todos" os gêneros de diferentes raças, classes e etnias, ela tende a 'apagar' as diferenças, as singularidades.

A comissão dos direitos humanos de Nova York no ano de 2016 decidiu por oficializar a multiplicidade de gênero apontando trinta e uma nomenclaturas de gênero para serem usadas em diferentes âmbitos profissionais e oficiais, que são eles (*Bi-Gendered* (bi-gênero), *Cross-Dresser, Drag-King, Drag-Queen, Femme Queen, Female-to-Male* (fêmea-para-macho), FTM, *Gender Bender* (Gênero fronteiriço), *Genderqueer, Male-To-Female* (Macho-para-fêmea), MTF, *Non-Op, Hijra, Pangender* (pangênero), Transexual/Transsexual, *Trans Person* (pessoa trans), *Woman* (Mulher), *Man* (Homem), *Butch, Two-Spirit* (espirito duplo), Trans, *Agender* (sem gênero), *Third Sex* (Terceiro sexo), *Gender Fluid* (Gênero fluido), *Non-Binary Transgender* (transgênero não binário), *Androgyne* (andrógena), *Gender-Gifted, Gender Bender, Femme, Person of Transgender Experience* (pessoa em experiência transgênera), *Androgynous* (Andrógeno). Qualquer cidadão que não respeitar essas nomenclaturas de gênero poderá receber um processo de até seis dígitos.

Apesar do esforço da supracitada comissão de direitos humanos, ainda há muito o que se conhecer, problematizar e discutir sobre as identidades de gênero nas mais diferentes sociedades e culturas. Nesse sentido, Foucault (1995) afirma que todo movimento social são lutas transversais que não se

limitam a um país específico, nem a um tipo particular de governo político e econômico, mas sim lutas globais.

Segundo Berutti *apud* Prosser (2010, p. 77), o termo *transgender* se enquadra na categoria de gênero, não se tratando de uma descrição de identidade sexual: "*transgender*, portanto, tornou-se uma categoria específica de gênero. Nesse sentido, transexual significa ir além do binarismo de gênero (masculino e feminino) que ainda sobre a ótica de Berutti (2010, p.78), se transforma em um grande 'guarda chuvas' para agregar outros gêneros não binários, tais como, *cross-dresser* (homem que se veste de mulher e mulher que se veste de homem); *drag queens*; transexuais e travestis; além de incluir andróginos; *butches* (lésbicas masculinizadas), *drag kings* e intersexuais.

> O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portando afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor (BUTLER, 2016, p.37).

Quando não se trata de binarismo, existe uma exclusão de gênero no ambiente escolar. Tudo que é fora do 'normal' assusta, então é preferível invisibilizar a minoria 'diferente' do que tratar diretamente do assunto. Sendo assim, é necessário que gênero, sexo e sexualidade sejam postos em discussões enquanto área de conhecimento e de ensino no contexto escolar, e social. É finalidade da educação escolar ensinar sobre a multiplicidade e diversidade cultural e o respeito às diferenças; dar voz aos estudantes, esclarecer dúvidas sobre as identidades e relações de gênero, sexo e sexualidade.

Portanto, a Teoria *Queer* procura dar visibilidade política e social a diferente identidade de gênero, entretanto, classifica os gêneros não binários apenas como '*queers*' ou '*genderqueers*' o que gera uma certa homogeneidade, pois existe diferenças entre os gêneros que devem ser agregas e especificadas. A polêmica em torno da Teoria *Queer* é a de que esta confere uma homogeneização das identidades e, consequentemente, a invisibilidade do

multipluralismo de gênero, pois falha em tentar agregar todos os gêneros dentro de uma ideia/teoria só.

EDUCAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO ESCOLAR

O sexo biológico ou o gênero não dita o desejo, nem lhe garante coerência. Todas essas "tonalidades" da sexualidade fazem parte do normal esperado para o ser humano em sociedade (TAQUETTE, 2015, p. 58). Crianças, adolescentes e jovens sofrem preconceito demasiadamente todos os dias nas escolas, resultado de raiva e desprezo social por terem uma identidade de gênero e/ou sexualidade diferentes daquelas normatizadas socialmente. Segundo Taquette (2015, p. 220) ensinar sobre sexualidade na escola para todos os tipos de jovens é de extrema importância para aumentar a capacidade de desenvolver relações positivas e construtivas, evitando que eles façam má imagem de si mesmo.

A educação sexual deve ir além de ajudar como formas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada. É preciso pautar a imensidão de temas de ordem política, cultural e social que estão relacionados às discussões sobre gênero, sexo e sexualidade e as interseccionalidades[2] de identidades sociais relacionadas a raça/etnia, e oferecer informações, deve tirar as dúvidas que os alunos têm sobre sexo, sexualidade, corpo e gênero para que possam refletir e desenvolver suas ideias e pensamentos sobre. Porém, muitos dos professores na escola não querem ministrar o tema ou não os acham propícios, as vezes por ser um pouco repetitivo e os alunos "não escutarem" ou por acharem que o tema não resulta em mais, pois existe inúmeros casos de hiv, gravidez, aborto e dst's entre jovens e adultos.

---

[2] "interseccionalidade" foi batizado por Kimberlé Williams Crenshaw. Feminista e professora especializada nas questões de raça e de gênero. Ela usou este termo pela primeira vez numa pesquisa em 1991 sobre as violências vividas pelas mulheres negras nas classes desfavorecidas nos Estados Unidos. Interseccionalidade é um conceito sociológico que estuda as interações nas vidas das minorias, entre diversas estruturas de poder. A interseccionalidade é a consequência de diferentes formas de dominação ou de discriminação. Ela trata das interseções entre estes diversos fenômenos (O Conceito de "Interseccionalidade". Disponível em: http://www.sociologia.com.br/o-conceito-de-interseccionalidade/)

Os adolescentes precisam de educação sexual pois vivem em uma sociedade em que conotações sexuais estão presentes em quase todos os lugares, sendo a maioria imagens violentas de pornografia explicita que acabam gerando comportamentos informais aos jovens, principalmente aos do sexo masculino que acabam sendo manipulados pelo machismo.

Quando é ensinada a educação sexual na escola, promovermos meios para que os adolescentes conheçam seu corpo, sexo e as diferenças com os dos outros, para que alcancem informações para o próprio desenvolvimento sexual e afetivo, também que os façam refletir e compreender as diferenças entre sexo, sexualidade e gênero e ter atitudes responsáveis sobre os temas para desenvolver uma maturidade e autonomia social.

PROCESSOS FORMATIVOS DE SUBJETIVIDADE IDENTITÁRIA NA ESCOLA

Teorias pós-críticas também valorizam as minorias, mas abrange e estuda as classes sociais, como gênero, sexualidade, raça, etnia e representação das produções, combatendo assim as opressões e lutando pela inclusão de todos no meio social. Essas teorias também trabalham com a ideia do multiculturalismo que “nesta perspectiva, a escola é concebida como um centro cultural em que diferentes linguagens e expressão culturais estão presentes e são produzidas” (CANDAU, 2008). Assim a escola deve ser um ambiente inclusivo no qual se deve respeitar as diferenças sociais e culturais.

Levando em conta as ideias de Palma et al (2010), a escola enquanto uma construção social, a educação que nela deve acontecer tem uma função sociocultural, assim o currículo como parte essencial deste processo deve ser organizado para que a escola cumpra sua função de garantir aos seus alunos acesso a todos os saberes socialmente disponíveis, buscando transformar e não reproduzir.

Defendemos o ensino de gênero e sexualidade como conteúdos a serem ensinados na escola. Pois conteúdo é um conjunto de valores, conhecimentos, habilidades e atitudes que o professor deve ensinar para garantir o desenvolvimento e a socialização do estudante. Ele será de suma importância

para um currículo, enquanto forma de disciplina, pois ele, juntamente com os objetivos, é importante para a construção de um currículo adequado para cada faixa etária, isso por que, o conhecimento tem que ser levado em conta pensando no currículo e objetivo proposto.

É importante relatar que o conteúdo escolar só adquire significado vinculado à realidade do aluno, sendo capaz de fornecer instrumentos teóricos e práticos com o propósito da vida social do mesmo. Proporcionando assim que o conteúdo proposto seja identificado na vida social do aluno para que ele possa questionar questões de gênero e sexualidade em seu meio.

Segundo Palma et al. (2010), a instituição de ensino deve considerar que o aluno é capaz de aprender sempre, independente da sua fase de desenvolvimento e localidade. A preocupação primordial deve ser com a qualidade das construções, relações e esquemas que o aluno irá estabelecer.

Assim pela relação pedagógica, todo o processo de ensino e aprendizagem será de grande significância, tomando por base a realidade do aluno e a relação do conteúdo (gênero e sexualidade) que está sendo estudado (conhecimento) com a realidade do discente (seu cotidiano e suas experiências). As bases e os princípios que irão nortear estes processos irão ser pautados na interdisciplinaridade e contextualização, buscando um ensino de qualidade que faça diferença nas vivências atual desta sociedade e que não faça separação ou exclusão das identidades de gênero existentes em todo contexto social.

CONSIDERAÇOES FINAIS

A escola ainda não trata da temática de gênero, sexo e sexualidade de maneira efetiva e sistematizada conforme uma área de conhecimento e de ensino. Geralmente esses temas são abordados em algumas disciplinas e de maneira pontual e aligeirada.

Faz-se necessário que o ensino de gênero e sexualidade estejam presentes e sejam pautadas em diferentes âmbitos e dimensões, entre as quais: educacional, política, cultural e social. Para tanto, gênero, sexo e sexualidade precisam ser considerados em suas interseccionalidades de identidades sociais relacionadas a raça/etnia e classe social.

É preciso que partamos dos pressupostos da Teoria Queer, mas irmos além desconstruindo-a para que possamos dar visibilidade a multiplicidade de identidades e a visibilidade às diferenças, principalmente aos gêneros caracterizados como não binários e que também não se identificam como "queers".

Defendemos que gênero, sexo e sexualidade são temas que devem fazer parte do projeto pedagógico da escola sendo elencado no currículo para que possamos discutir a multiplicidade de gêneros e abrir espaço para a diversidade sexual no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas:** desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Editora Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro. 1997.

BERUTTI, Eliane Borges. Gays, Lésbicas, Trangenders: O caminho do arco-íris na cultura norte-americana. UERJ. Rio de Janeiro, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e Subversão da Identidade. 11ª ed. Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CANDAU, Vera Maria**. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis: Vozes, 2008.

ESQUERDA.NET. **LGBTI:** O que é Intersexo? Artigo da autoria da Sociedade Intersexual Norte Americana, 2015. Disponível em: http://www.isna.org/faq/what_is_intersex e http://www.esquerda.net/artigo/lgbti-o-que-e-intersexo/37566.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organizaçao e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 11» ED. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

O Conceito de "Interseccionalidade". Disponível em: http://www.sociologia.com.br/o-conceito-de-interseccionalidade/)

Organização Mundial da Saúde (OMS), 1975.

PALMA et al. **Educação física e a organização curricular.** EDUEL. Londrina. 2010.

SANTANA, Vagner; BENEVENTO, Claudia. **O conceito de gênero e suas representações sociais**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 176, Enero de 2013.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2,jul./dez. 1995.

TAQUETTE, S.R. **Homosexualidade e adolescência**: Sob a ótica da Saúde. Editora da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

Ravelli Henrique de Souza. Graduado na Universidade Estadual de Londrina no curso de Educação Física - Licenciatura.

e-mail: ravelli_28@hotmail.com

Karina Toledo de Araújo. Professora Doutora, do Centro de Educação Física e Esportes da Universidade Estadual de Londrina.

e-mail: karinatoledoaraujo@gmail.com